

...do que se trata de uma consciência de se estar articulando com o grande di-
vívio de... entre os intelectos e o estado em prol do intelecto ou em
prol da vida. O objetivo da presente palestra é duplo: tentar primeiro
discutir a decisão de um certo, de vista formal e existencial, e fê-
rei, em seguida, a tentativa de justificar a decisão em prol do intelec-
to.

Embora o conceito do intelecto tenha sido definido, repetidas vezes, no cur-
so destas palestras, submeterei novamente essas definições à sua aprecia-
ção, e tentarei ^{qualquer} esclarecê-las da maneira possível. O intelecto é um sulco dentro
de um lago de conversação geral. O intelecto é a maneira como ocorrem fras-
es. O intelecto é a maneira como se dá a vida do todo dentro da corrente.
O intelecto é a maneira como os atos se ritualizam. O intelecto é a ten-
dência da palavra para o significado. Todas estas afirmações são equi-
valentes e podem ser resumidas na seguinte: o intelecto é um nó na rede da
língua. Ou seja, portanto, que se chama agora, e proximamente, o que pretendo
denotar com o termo "intelecto". Mas o que pretendemos quando recorremos ao
termo "vida"? Trata-se, evidentemente, de um conceito invadido por aquela
Boscão-idade que discuti na última palestra. O termo está aqui utilizado
no sentido de um conceito de significado, tem sido minado pelo progresso da con-
versação a partir de muitas direções, e apresenta-se quase ócio no estágio
atual de sua utilização. É isto o que se pretende dizer, para ilus-
trar os diferentes usos de significado, nos quais se refugiaram os des-
bros de alguns conceitos outora cheios e completos que era "vida": "A vida
no intelectual", "a vida da alma", "a vida física do intelecto", "a vida do
intelecto", "a vida no campo do homem", "a vida física do homem", "a
vida da alma do homem", "a vida como fundamento da ética", "a
vida como fundamento da política", "a vida como fundamento da moral".

O conceito de vida, e o conceito de alma, é comum aos conceitos "vida" no contexto
filosofico e no Novo Testamento. Não há portanto melhor, de um pon-
to de vista formal, se o termo "vida" tivesse sido abandonado pela razão con-
versação, já que a dúvida o tinha covaziado. Mas já que isto não aconteceu,
já que, pelo contrário, não somente se conservou o termo, mas dele pretaram
ativamente termos subsidiários como "vitalismo", "biologismo" e "Lebensphi-
losophie", não podemos senão continuar operando com ele. Mas é claro que
não poderemos operar com um conceito tão vazio e tão cheio de possibilidades.
Limitaremos o seu scope o dizer, que nesta nossa argumentação e conceito
"vida" significa o conceito de intelecto. Dadas as nossas definições do
termo "intelecto", podemos, agora, tentar definir o conceito "vida". Sugiro
as seguintes definições: A vida é o termo da conversação, a vida é o lugar
do qual as frases correm, a vida é a fonte da dúvida, a vida não tem signi-
ficado. Resumindo: a vida é o silêncio anterior à língua. Estas definições
que formam um jogo intelectual para estabelecer um contraponto ao inte-
lecto, exigem um pouco de reflexão, para servirem de instrumentos na argu-
mentação seguinte.

É claro que a causa de significado, dentro da qual localizei o conceito "vi-
da", é a causa da ontologia. Disse, em outras palavras, que a língua é uma
forma de ser, e a vida é outra forma. Mas como estou, na minha argumentação,
a mesma localizado dentro da língua, como está a minha argumentação, é, de
própria, uma forma de ser, estou afirmando, com as minhas definições, uma for-
ma de ser que não é a minha. Ora, com esta própria afirmação estou engloban-
do essa outra forma de ser dentro da minha argumentação, isto é dentro da mi-
ha forma de ser por cento. Ao afirmar uma outra forma de ser já estou mexen-
do essa outra forma à minha. A afirmação de uma outra forma de ser que não
é língua é portanto uma afirmação auto-reveladora. Não é possível, desta ma-
neira, quebrar o cerco que a língua ao nosso redor estabelece. Mas nem por
isto são totalmente insignificativas as definições propostas. Não dizem a
respeito da vida, isto é verdade, e se parecem fazer a respeito da vida englo-
bada. Mas dizem respeito significativamente a uma limitação da língua. Di-
zem, se interpretadas assim, que a língua não se estende infinitamente "pa-
ra baixo". Que, se investigo a língua em profundidade, isto é em direção con-
trária à sua corrente, se refugio, alcanço uma barreira além da qual não pos-
so avançar. Essa barreira, insuperável intelectualmente, defini justamente
como limite da conversação, como o lugar do qual as frases correm, como fonte
da dúvida, como não tendo significado, como sendo o silêncio anterior à lí-
ngua. Chamei essa barreira de vida. A vida não é portanto um conceito,
como o é a língua, mas é o vir-a-ser da língua. Em outras palavras: a vida
é o potencial da língua, ou é o conversável. Ela é a maneira como se dá o

isto mesmo, campo a tradução de palavras criadas de significado. No seu in-
tellecto cruzam-se, compõem-se, traduzem-se e, por isso mesmo modificam-se as
línguas parentemente mais diferentes e mutuamente inconciliáveis. Já que in-
tencionalmente convencionam a linguagem de toda argumentação, acolhe êsse inte-
lecto com hospitalidade todo argumento, pelo prazer puro que êsse argumento
proporciona. Não somente acolhe com hospitalidade todo argumento, mas ainda
procura avidamente por argumento novo. Procura avidamente argumentar contra
tudo argumento que abriga, e contra todo argumento que lhe é apresentado. Rea-
grupa, inconsciente, os argumentos a seu dispor, para deles formar sistemas
novos e sempre mais belos, embora sempre pronto para derrubá-los se um argumento
novo ou uma combinação nova lhe ocorrer. Em outras palavras: participa do
jogo do pensamento com plena consciência a tratar-se de um jogo, participa d'êlo
como de uma ars gratia artis.

Mas não digam os senhores que se trata de um jogo leviano e irresponsável. Todo
o empenho d'esse intellecto está nesse jogo, e, embora reconheça a futilidade do
jogo em sua totalidade, reconhece, simultaneamente, a imensa importância de ca-
da movimento individual para o jogo. Muito pelo contrário: toma os movimentos
do pensamento mais a sério de que um pensador que d'êlo participa sem saber da
sua futilidade. O pensador inconsciente do jogo, um pensador "engigé" no senti-
do corriqueiro dessa palavra, está sempre propenso a falsificar pensamentos para
conduzir o argumento em direção pretérita por êle. Mas o intellecto empenha-
do em prol do pensamento deixa livremente que os argumentos se completem, nunca
lhes impondo a direção, nunca lhes falsificando a tendência, já que o seu prazer
é justamente o livre jogo das frases. E nesta forma, sem o querer, transforma-se
êste pensador "engigé" em tudo, e não ser do jogo intellectual, em árbitro de argu-
mentos. Não poderá nunca, é verdade, distinguir entre o bem e o mal, mas sabe-
rá distinguir, por tradução, perfeitamente entre o estruturalmente correto e o
errado, portanto entre o bom e o feio. E nesta distinção todas as falsidades dos
argumentos conduzirão a descoberta de verdades. Não se pode olhar incorrom-
pível se dissolverem todas as incertezas dos argumentos preconcebidos.

Mas não é somente como árbitro que funcionará êsse intellecto dentro do tecido da
conversação, mas ainda, se posso assim expressar-me, a função do sacerdote in-
ferior do pensamento. A fazer significar com uma ponte entre línguas. O
construtor de pontes é chamado "pontifex" (sacerdote) na língua latina. Se con-
vencemos a conversação como festa, são os pontifexes os que celebram a festa, e
os sacerdotes. Não desprezem a função sacerdotal de tradução, e
dedicarei a ela uma parte da minha obra.

O jogo do intellecto que estou descrevendo é um jogo empolgante, muito mais em-
polgante de que consigo encontrar neste momento. É comparável a certos jogos
de cartas, a certos jogos de pinô, ao jogo do pinô face a um velô. Esse jogo pro-
põe, como o pinô do pintor, mandos sobre a conversação, e não sobre os re-
sultados. É, uma vez projectado os mandos, o intellecto os supera. Toma a sua a-
vidade realme justamente num superior contínuo de posições assumidas. Pode pa-
recer, para quem o observa de fora, que o intellecto gira em círculos sempre in-
finitos. Mas quem está empenhado no jogo sente a ilusão de superar contínuo, de
elevação por supera ad astra. É claro que êsses astra não somente são imle-
gáveis, mas não existem. Mas isto em nada diminui a sensação de elevação que
o jogo proporciona.

E com essa observação alcançei o ponto crítico da minha observação. Porque no empenha-
mento do intellecto em prol da conversação, naquele empenho que estou lhes consi-
derando, essa própria conversação adquire o sabor daquilo que os anti-intelectua-
listas procuram, de balde como creio, na vida. Toda essa festividade, toda essa a-
ventura, todo êsse arrebatamento que êles professam encontrar na vivência bruta,
tudo isto o intellecto encontra na conversação como jogo. Os pensamentos se pre-
ocupam sobre êle numa multidão tumultuosa e jamais abrangível, muito menos do-
mável. Cada livro não lido, cada disco não tocado, cada quadro não visto re-
presenta um convite para uma aventura. E os argumentos já sorvidos, mas agora
reanunciados em outro contexto e sob nova luz representam uma fonte festiva de
sempre novas surpresas. É a festa suprema que é a formulação de um argumen-
to novo. Sempre de novo sente-se o intellecto invadido por entusiasmo ao perse-
guir, numa caça inconsciente, o pensamento até o seu último covil, para enqua-
drá-lo numa argumentação nova. Não é vida aquilo que estou descrevendo? Se não
for, e se a vida é aquilo que os anti-intelectualistas tomados de tédio advogam, então
o termo "vida" não merece a atenção e a discussão que lhe estão dando.

A festividade e o entusiasmo do pensamento puro não é, entretanto, uma posição
ficcional alcançável. Traz consigo sofrimento. Em primeiro lugar porque im-
plica, paradoxalmente, no isolamento do intellecto. O intellecto se empenha em
conversação por puro prazer, e justamente por isto não encontra parceiro. To-
dos em seu redor conversam com uma certa finalidade extra-conversacional, que

que sabe ser fútil, e não constituem portanto parceiros equivalentes. Em segundo lugar porque a consciência da futilidade do jogo está sempre presente, e o intellecto está sempre exposto a ela. Em outras palavras, está sempre aberto para o nada. E, em terceiro lugar, porque o abandono consciente de juízos éticos é uma decisão precária e, fundamentalmente, terrível. Esse terror nunca abandona o intellecto. Mas este fundo de solidão, da resolução para o nada e do terror, que são o clima existencial desse intellecto, fazem ressaltar ainda mais o brilho e a beleza do pensamento.

A propaganda que estou fazendo em prol do intellecto quando-même é totalmente sincera. Mas essa própria sinceridade prova que não consegui ainda alcançar a posição que estou propagando. Porque essa posição despreza a propaganda. Digamos que se trata de uma posição, da qual tenho notícia por breves incursões até ela, e a qual é minha meta. Neste sentido, e já que ainda não a alcancei, o esforço para fazê-la também é a meta. Mas sei, embora confusamente, que existe meta ainda mais alta, embora essa seja provavelmente inalcançável para mim. Desse meta falarei na próxima palestra.

para fazer com que seja também...